

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Gabrielle Bazacas Cabral

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL: UMA ALTERNATIVA DE CONTATO

Porto Alegre

2017

Gabrielle Bazacas Cabral

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL: UMA ALTERNATIVA DE CONTATO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ari Pedro Oro

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Cabral, Gabrielle Bazacas
Transcomunicação instrumental: uma alternativa de
contato / Gabrielle Bazacas Cabral. -- 2017.
47 f.

Orientador: Ari Pedro Oro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Transcomunicação Instrumental. 2. Mediação. 3.
Espiritualidade. I. Oro, Ari Pedro, orient. II.
Título.

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL: UMA ALTERNATIVA DE CONTATO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 14 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Ruiz Chiesa - Unipampa

Prof. Dr. Marcelo Tadvold Batista - UFRGS

Prof. Dr. Ari Pedro Oro - UFRGS

Resumo

Transcomunicação instrumental é um termo que designa comunicações com entidades não corpóreas através de meios técnicos, principalmente equipamentos de telecomunicações. O tema é abordado a partir da perspectiva da praticante Suely Pinheiro, que iniciou suas pesquisas em 2000, após a morte de seu filho. O trabalho foi elaborado por meio de entrevistas e da observação participante das práticas, assim como livros elaborados por praticantes da transcomunicação instrumental, além de reportagens e palestras divulgadas em meio digital. Os objetivos são: elaborar uma interpretação da transcomunicação instrumental - uma vez que não é um assunto conhecido por todos - a partir da perspectiva dos participantes; esclarecer os vínculos existentes entre transcomunicação instrumental e religião; e, finalmente, entender as motivações dos transcomunicadores. Através da perspectiva proposta por Birgit Meyer, entendemos a transcomunicação instrumental como um mediador capaz de efetivar o transcendental através de processos de mediação que ligam seres humanos, entidades incorpóreas e objetos. Nesse sentido é que entendemos a Transcomunicação como uma alternativa de contato, principalmente para aqueles que não estão satisfeitos com as respostas fixadas pelas instituições religiosas tradicionais.

Palavras-chave: Transcomunicação Instrumental. Espiritualidade. Mediação.

Abstract

Instrumental Transcommunication is a term that designates communications with non-corporeal entities through technical means, mainly telecommunication equipment. The subject is approached from the perspective of the practitioner Suely Pinheiro, who began her research in 2000, after the death of her son. The work was done through interviews and participant observation of the practices, as well as books written by practitioners of instrumental transcommunication, reports and lectures in digital media. The objectives are: elaborate an interpretation of instrumental transcommunication - since it is not a subject known to everyone - from the perspective of the participants; Clarify the links between instrumental transcommunication and religion; and finally, understand the motivations of the practitioners. Through the perspective proposed by Birgit Meyer, we understand instrumental transcommunication as a mediator capable of effecting the transcendental through mediation processes that bind human beings, incorporeal entities and objects. In this sense, we understand Transcommunication as an alternative, especially for those who are not satisfied with the answers set by traditional religious institutions.

Key words: Instrumental Transcommunication. Spirituality. Mediation.

Agradecimentos

Especialmente aos meus pais, André e Magali, e a minha irmã Danielle, agradeço especialmente pelo apoio, carinho e dedicação sem os quais este trabalho não seria possível.

Aos colegas e professores do Núcleo de Estudos da Religião (NER/UFRGS) pelo acolhimento e colaboração que marcaram meu percurso desde o começo. Minha persistência no curso de Ciências Sociais - e também o desejo de prosseguir meus estudos para além da graduação - se deveu, em grande parte, a minha participação no NER, através da iniciação científica, e especialmente, ao apoio dos colegas. Agradeço ao meu orientador, Ari Pedro Oro, e aos membros da banca, Gustavo e Marcelo.

Às minhas amigas Amanda e Bruna, às amizades que fiz no NER, especialmente Jorge, Mariana, Mônica e Nicole: sou muito grata pela participação de vocês na minha vida e também por poder acompanhar a trajetória de vocês.

Agradeço especialmente a Suely e Leonardo por compartilharem comigo a sua história.

SUMÁRIO

1 Introdução	8
2 Seres humanos, coisas e o Além	10
2.1 Antropologia e o sobrenatural	11
2.2 Religião como mediação	14
3 Uma alternativa de contato	18
3.1 Como funciona a transcomunicação instrumental	19
3.2 Primeiros contatos	21
3.3 Chamado pela dor	22
3.4 Recebendo notícias de Leonardo	26
4 Rede TCI Brasil	28
4.1 Aprendendo Transcomunicação Instrumental: as aulas virtuais da Rede TCI 30	
4.2 Módulo 1: uma breve história da comunicação espiritual por vias técnicas	32
4.3 Módulo 2: as técnicas de captação	36
4.4 Uma sessão de transcomunicação instrumental	37
5 Considerações finais: estabelecendo pontes	39
Referências	45

1 Introdução

O tema deste trabalho é a Transcomunicação Instrumental (TCI), prática que consiste na utilização de aparelhos eletrônicos, principalmente os de telecomunicações, para a comunicação com o mundo espiritual. O tema é abordado a partir da perspectiva da praticante Suely Pinheiro¹, por meio de entrevistas e da observação participante de suas práticas. Também foram utilizados livros elaborados por praticantes da TCI, além de reportagens e palestras divulgadas em meio digital.

Meu primeiro contato com a Transcomunicação Instrumental aconteceu através da internet, em leituras de interesse pessoal. Logo me deparei com uma abundância de material sobre o tema, como sites, livros e entrevistas para revistas e televisão, entre outros. À medida que aprofundei minha busca virtual, passei a vislumbrar a possibilidade de uma pesquisa acadêmica, ainda mais por perceber que havia uma carência de trabalhos nessa área. Uma busca pelos termos Transcomunicação Instrumental no Google Acadêmico, por exemplo, revela a quase inexistência de trabalhos científicos sobre o assunto, mostrando principalmente a literatura “nativa”, artigos espíritas ou sobre o espiritismo². Ao buscar termos como “paranormal”, “sobrenatural” e correlatos, no mesmo instrumento de pesquisa, ver-se-á principalmente artigos na área da psicologia, que relacionam a crença nesses fenômenos com doenças mentais. Dessa forma, além de tentar suprir a falta de trabalhos na área de ciências sociais sobre o assunto, minha intenção é dar voz às pessoas que praticam a TCI.

Durante as buscas no ano de 2015, encontrei o blog de Suely Pinheiro³, através do qual tomei conhecimento das aulas virtuais oportunizadas pela Rede TCI Brasil e ministradas pela própria Suely. A participação nas aulas virtuais me motivou a entrar em contato com ela, que também reside em Porto Alegre, para aventar a possibilidade de realizar a pesquisa. Suely solícitamente me atendeu e propôs que

¹ A utilização de seu nome verdadeiro foi autorizada.

² Dignos de nota são os trabalhos de Andrade (2008) e de Bonilha Filho (2010), na área das artes, que abordam a TCI, mesmo este não sendo seu tema central.

³ Disponível em <<https://transcomunicacaoinstrumental.blogspot.com.br/>>. Acesso em 9 jul. 2017.

eu participasse como aprendiz das sessões de Transcomunicação que promovia em sua casa.

Conforme fui acompanhando as sessões e as aulas virtuais, as dúvidas que nortearam a minha observação eram: por que as pessoas buscavam práticas de comunicação espiritual como a TCI? Será que as religiões tradicionais não estão suprimindo as necessidades desse contato espiritual? Qual é, afinal, a relação entre Transcomunicação Instrumental e religião? Embasados nessas perguntas, os objetivos do presente trabalho são, principalmente, elaborar uma interpretação da Transcomunicação Instrumental - uma vez que não é um assunto conhecido por todos - a partir da perspectiva ética; esclarecer os vínculos existentes entre TCI e religião, estabelecendo uma definição aplicável do fenômeno religioso; e, finalmente, entender as motivações dos transcomunicadores.

O primeiro capítulo, “Seres humanos, coisas e o Além”, constitui-se no referencial teórico e metodológico em que se apoiou a pesquisa. Na primeira seção deste capítulo, discute-se as abordagens antropológicas do “sobrenatural” e de que maneira temas sobre espíritos e a vida após a morte podem ser abordados de uma perspectiva disposta a considerar a visão de mundo dos informantes. Na seção seguinte, comentaremos abordagens teóricas que atentam para a importância dos objetos como meios que relacionam humanos e o transcendental a partir de relações de mediação.

O segundo capítulo, “Uma alternativa de contato”, trata do material empírico. Abordaremos possíveis interpretações da Transcomunicação Instrumental dadas pelos praticantes, suas características e como o fenômeno acontece. Este capítulo também se presta à apresentação da trajetória de Suely Pinheiro como transcomunicadora, seu início após a perda de seu filho. No capítulo 4, abordamos o estabelecimento de Suely como coordenadora nacional da Rede TCI Brasil, onde também ministra aulas virtuais, como forma de divulgar a prática para aqueles que necessitam. Finalizaremos com a análise e perspectivas para trabalhos futuros.

2 Seres humanos, coisas e o Além

As ferramentas para comunicação com o mundo espiritual não são novidade. Desde o início do movimento Espiritualista, no século XIX, instrumentos como a planchette e a tábua ouija⁴ são utilizados para democratizar e facilitar o acesso ao mundo dos espíritos.

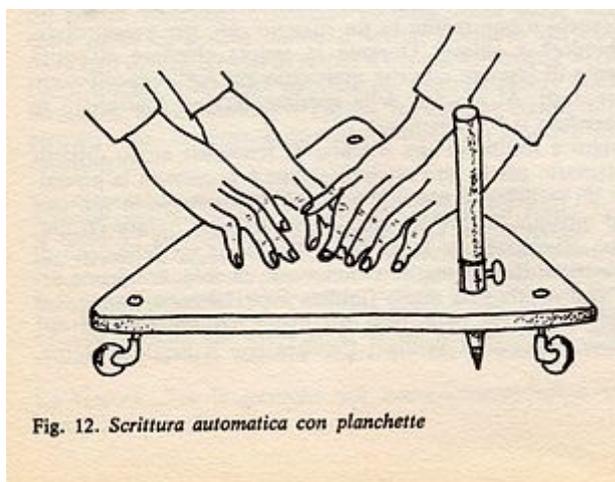


Fig. 12. *Scrittura automatica con planchette*

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La_Planchette.jpg

Um exemplo de tecnologia para comunicação espiritual, trazido por Jeremy Stolow (2013), é o fio magnético projetado pelo espiritualista Andrew Jackson Davis. Em 1853, Davis elaborou instruções para as sessões de comunicação espiritual (ou *séances*), em que apresentou o fio magnético - instrumento produzido a partir de cordas entrelaçadas com cabos metálicos. Os participantes das sessões eram então instruídos a sentar-se ao redor de uma mesa redonda e segurar o fio magnético, formando assim um circuito que ligava pessoas, coisas e forças imateriais.

Baseado em conhecimentos científicos da época - em especial a eletricidade e o eletromagnetismo, a telegrafia e o sistema nervoso -, o fio magnético tinha profundas implicações ontológicas e cosmológicas, como a suposição de vida após a morte, a existência de uma constituição fisiológica capaz de se comunicar com o outro lado, e a possibilidade de corpos, objetos e entidades imateriais de atuarem a partir de um modelo de condutividade eletromagnética (STOLOW, 2013, p. 85).

⁴ A planchette, criada em 1853 por M. Planchette, é uma espécie de plataforma móvel utilizada, com auxílio de um lápis, para escrita automática. A planchette também é utilizada como ponteiro da tábua Ouija (criada por Elijah J. Bond em 1891), tabuleiro com letras e números, “sim”, “não” e “adeus”.

A utilização de ferramentas que promovem o diálogo entre humanos e outras realidades, a exemplo do fio magnético, não se limita ao século XIX. Com o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, surgem também novas formas de contatar o Além, seja através da criação de equipamentos específicos, ou de adaptações de equipamentos convencionais⁵.

Mas como estudar essas questões através das ferramentas teóricas e metodológicas das ciências sociais? Como abordar o “intangível” a partir da experiência de informantes? Como relacionar objetos, pessoas e entidades materiais?

2.1 Antropologia e o sobrenatural

Entre as principais questões levantadas por este trabalho figura a de como fazer uma “antropologia do intangível” (BLANES; ESPÍRITO SANTO, 2014), e como temas como vida após a morte e o sobrenatural têm sido tratados pela antropologia.

Os espíritos e o mundo espiritual são questões abordadas, na antropologia, como concernentes ao mundo religioso. Por isso, as principais abordagens desses temas encontram território na antropologia da religião. Algumas das abordagens mais disseminadas são as reducionistas e as relativistas.

Para Edward Burnett Tylor (1832-1917), a crença em seres espirituais era a definição mais simples que se podia fazer de religião. Para Tylor, a origem dessas crenças estava nas interpretações errôneas que o homem “primitivo” fazia enquanto procurava formular explicações acerca do mundo. Émile Durkheim (1858-1917), por sua vez, definiu religião como um sistema de crenças e práticas relativas ao sagrado que tem por objetivo manter a coesão do grupo. Para o sociólogo francês, religião é um fenômeno puramente social: uma criação social definida por uma função também social. Abordagens reducionistas, como as acima e as em que nelas se inspiram, oferecem explicações de apenas um processo (social ou psicológico) e ignoram a

⁵ *Reality shows* americanos de “investigação paranormal” - como *Ghost Hunters* e *Ghost Adventures* - frequentemente mostram equipamentos criados com o intuito de capturar o sobrenatural, como o *ghost box* (dispositivo que “varre” ondas de rádio para a modulação pelos espíritos), e também ferramentas que são ressignificadas, como a câmera de imagem térmica e os medidores eletromagnéticos.

experiência dos informantes e o que eles têm a dizer sobre suas próprias crenças, considerando, de partida, que não existem espíritos ou entidades não corpóreas.

Mas essa suposição é válida? Podemos ter *certeza* de que não existem entidades ou forças não físicas? Ou a coesão social é *tudo* o que importa? Este mesmo problema se aplica a qualquer abordagem de práticas culturais com um componente não visível ou incomum. As crenças e as compreensões *êmicas* dos informantes são descartadas desde o início a favor de uma interpretação que não contradiz a visão de mundo acadêmica dominante (*ética*), o que, naturalmente, levanta a questão do que o etnógrafo está realmente descrevendo. (HUNTER, 2015, p. 6, grifo do autor, tradução nossa)

A abordagem relativista - "*bracketing approach*", criticada por Jack Hunter (2015a, 2015b) - coloca "entre parênteses" a questão do status ontológico dos objetos de crença, afirmando não interessar ao antropólogo se os espíritos existem ou não, e sim o fato de as pessoas acreditarem neles e seu impacto na realidade social. Ignorar a realidade (ou não) dos espíritos, porém, não resolve inteiramente a questão e não é uma posição tão neutra quanto parece: este posicionamento que assume que a realidade dos espíritos é uma questão problemática para a academia, e por isso é preciso abster-se. Além disso, continua-se a não valorizar a opinião do informante.

Com Edith Turner (1921-2016) acontece uma transformação no modo como os antropólogos entendem a questão: ao *participar* em um ritual de cura dos Ndembu da Zâmbia, a autora viu com os próprios olhos um espírito saindo das costas de uma mulher doente, materializado na forma de uma bolha de plasma cinza. Como resultado, Turner permitiu-se aceitar a *realidade ontológica* dos espíritos.

Então eu soube que os africanos estavam certos, há coisas espirituais, há aflição espiritual, não é uma questão de metáfora e símbolo, nem mesmo de psicologia. E comecei a ver como os antropólogos perpetraram uma série infinita de omissões no que diz respeito aos muitos eventos espirituais em que participaram - "participaram" é uma pretensão gentil. Eles podem ter obtido material valioso, mas eles estão operando com o paradigma errado, o da negação positivista. (TURNER, 1993, p. 9, tradução nossa.)

Segundo Turner, a tendência dos antropólogos é ignorar a parte central da experiência insólita dos informantes - embora elas sejam importantes ao modo de vida deles - e afirmar que elas são metáforas para funções, estruturas ou mentalidade dessa sociedade. Para a autora, essa atitude revela uma posição de

imperialismo intelectual, em que se supõe que somente a visão do antropólogo é a verdadeira.

De novo e de novo, os antropólogos testemunham rituais espirituais, e, repetidas vezes, algum intérprete indígena tenta explicar que os espíritos estão presentes e que, além disso, os rituais são os eventos centrais de sua sociedade. E o antropólogo passa a interpretá-los de forma diferente. Parece haver uma espécie de campo de força entre o antropólogo e seu assunto, tornando impossível que ele ou ela se aproxime dela, uma espécie de frigidez religiosa. Nós, antropólogos, precisamos de treinamento para ver o que os Nativos vêem. (TURNER, 1993, p. 11, tradução nossa.)

Dessa forma, Turner propõe que se considere as experiências com espíritos como um aspecto importante da vida daqueles que pesquisamos e que se aceite o fato de que os espíritos são reais para eles. Para isso, o significado dessas experiências não pode ser reduzido.

A antropóloga britânica Fiona Bowie (2013), seguindo a mesma linha, propõe uma metodologia para o estudo da vida após a morte e dos fenômenos relacionados em que se leve a sério as interpretações “nativas”. A ideia de Bowie é que o antropólogo participe das atividades dos “nativos” com uma postura de abertura e entrega, para que possa, na medida do possível, ter experiências como as de seus interlocutores. Tal postura constitui o método da autora, chamado engajamento cognitivo-empático (*cognitive, empathetic engagement* - tradução nossa). O que a autora sugere é que o pesquisador se coloque em diálogo com seu informante, respeitando as diferenças e valores e comprometendo-se a participar de sua vida em algum grau. Conforme a autora, colocar-se no mundo do Outro requer certo grau de imaginação para compreendermos a realidade através do modelo êmico.

O que não quer dizer que tenhamos o modelo êmico como “verdade”. O que se propõe é que se considere o que está sendo dito pelo interlocutor na construção do nosso trabalho para uma compreensão mais rica do que significa ser humano.

A metodologia proposta por Bowie encaixa-se bem com a abordagem conhecida como “*paranthropology*” - termo que primeiramente apareceu no livro *Extrasensory Ecology* (1977), editado por Joseph K. Long, e que foi recentemente reapropriado por Jack Hunter, editor da revista *Paranthropology*. Além de agregar ideias da parapsicologia, a parantropologia se diferencia de abordagens mais tradicionais - como as relativistas - por buscar interpretar as experiências

paranormais através daqueles que nelas acreditam, levando em consideração as crenças e vivências dos informantes. Para tanto, o “parantropólogo” deve participar ao máximo durante seu trabalho de campo para desenvolver uma perspectiva de *insider* (HUNTER, 2015a).

Na visão de Ruy Blanes e Diana Espírito Santo (2014), o intangível pode ser estudado a partir de seus efeitos e influência no mundo. Dessa forma, é preciso afastar-se de perspectivas reducionistas e materialistas que assumem ser a realidade uma só, e que consideram as diferentes visões de mundo questões de crença e representação.

Os autores enfatizam a necessidade de uma abordagem que não veja as entidades incorpóreas como habitantes da mente dos “nativos” ou que as neutralize como elementos sociais, mas que reconheça sua existência autônoma, através de seus efeitos no e sobre o mundo (2014, p. 7-8). Os autores identificam como possíveis efeitos das entidades a corporalidade, a performance, as materialidades, entre outros.

2.2 Religião como mediação

Frequentemente, estudos sociais sobre os objetos materiais consideravam as coisas como representações ou veículos de significados, reflexo de uma distinção entre conceito/coisa, representação/realidade, etc. A necessidade de se prestar atenção nas coisas, isto é, nas materialidades, levou os estudiosos a formular abordagens que superassem o paradigma da representação.

Henare, Holbraad e Wastell (2007) sugerem “pensar através das coisas”. Os autores propõem que se leve em consideração as ideias e pressupostos dos “nativos” sobre as coisas, já que as interpretações dos pesquisadores sobre essas visões do mundo podem ser inapropriadas. Os autores consideram as coisas e os significados como a mesma entidade, sugerindo que se utilize uma abordagem que procure situar as coisas em seu contexto, conforme aparecem em campo, antes de defini-las e analisá-las.

Indo ao encontro do exposto acima, Espírito Santo e Tassi (2013) afirmam que para o caso específico dos objetos religiosos, a separação entre as dimensões espiritual/material levou a uma impossibilidade de diálogo entre esses domínios. Tal

pressuposto também se expressa na resistência em relação às experiências religiosas pessoais, consideradas fenômenos subjetivos cuja função era a organização e coesão social (p. 5). A solução apresentada pelos autores é uma definição de religião que permita entender o divino não como uma entidade auto revelada ou como mera criação humana, mas como um processo de mediação, como veremos a seguir.

Segundo Birgit Meyer (2003), o interesse em estudar a mídia em antropologia surgiu na alçada dos estudos sobre globalização. Num momento inicial, a mídia de massas era entendida como um elemento intruso, capaz de causar impacto em culturas locais. Tal suposição, além de trazer uma ideia romantizada de cultura, se mostrou incompatível empírica e conceitualmente. Deixando de lado essa visão problemática, Meyer adotou um entendimento mais amplo de mídia - que inclui, além dos meios de comunicação, objetos, lugares e o corpo humano - reconhecendo que cultura e mídia não são entidades separadas, mas implícitas uma à outra (MEYER, 2003, p. 3).

A autora entende que os indivíduos não se relacionam diretamente, mas através de mediação, que é um processo complexo de transmissão que requer intermediários (meios). A mídia, porém, não é uma mera ferramenta, pois molda e afeta aquilo que transmite, sendo, portanto, mediadora no sentido dado por Latour (2012).

Mediação é o processo através do qual o nosso mundo social - "cultura", como queira - é feito. Esse processo é o que produz um mundo compartilhado para ser habitado, tomado por "real" e experienciado como "imediato". (MEYER, 2003, p. 5, tradução nossa.)

As primeiras abordagens ao estudo das relações entre religião e mídia guiavam-se pela perplexidade ante a interação desses campos considerados distintos. Alguns estudiosos entendiam mídia como um "agente da secularização" (STOLOW, 2005), isto é, como responsável pela decadência das religiões. Tal visão instrumentalista apoiava-se numa ideia protestante de religião como uma experiência interiorizada em que a mídia - enquanto criação do homem - seria inadequada como ligação com Deus (MEYER, 2011).

Essa metanarrativa é estruturada em torno da suposição de que a mera expansão das tecnologias de comunicação modernas de alguma forma proporcionam uma dissolução da autoridade religiosa

e uma fragmentação de seus marcadores de afiliação e identidade. (STOLOW, 2005, p. 122, tradução nossa)

A partir da necessidade de se prestar atenção na prática religiosa e nas suas relações com as coisas, percebeu-se que até as crenças mais interiorizadas precisam de alguma forma material para tornarem-se reconhecíveis e serem transmitidas socialmente. Assim, surgiram novas abordagens que entendem religião como um processo de mediação em que interagem pessoas (e seus sentidos, considerados como uma mídia primária), objetos materiais e os transcendentais, formando uma ponte entre pessoas e a dimensão espiritual. Em outras palavras, percebeu-se que a mídia é intrínseca à religião.

Num entendimento da religião enquanto mediação, o divino ou transcendente é efetivado através de processos de mediação em que essas esferas são materializadas em formas específicas, autorizadas. No entanto, como o transcendente é efetivado pela mediação? Para explorar como a mediação transmite o divino ou o transcendental, Birgit Meyer cunhou o termo “formas sensoriais”⁶.

Conforme indicado anteriormente, as mídias não são apenas veículos de significados, pois dão forma àquilo que transportam por meio de suas propriedades e através de formas específicas. Conseqüentemente, as mídias podem ser entendidas como formas sensoriais incorporadas, isto é, modos estabelecidos de comunicação e práticas autorizadas de contatar o sagrado que organizam o acesso ao transcendente, condicionando a experiência religiosa e gerando sensações particulares nos adeptos de tradições religiosas particulares (MEYER, 2008, 2011). As formas sensoriais também são centrais na constituição das subjetividades religiosas. É importante destacar que “o que um meio é ou faz não é intrínseco ao próprio meio, e sim resultado de processos sociais que moldam a mediação religiosa e autorizam algumas formas sensoriais como válidas” (MEYER, 2017, p. 153).

Meyer (2017, p. 151) destaca que isso não significa que sua abordagem priorize os sentidos para o entendimento da experiência religiosa. O que a autora sugere é a necessidade de evidenciar as formas autorizadas que organizam as experiências. A autora ainda argumenta que não entende “forma” em oposição a “conteúdo”.

⁶ “Sensational forms”. Sigo a tradução do termo para “formas sensoriais”, conforme a tradução de Meyer (2017).

Entretanto, para os participantes, os mediadores nem sempre se apresentam como tal. O processo de “desaparecimento” das mídias demonstra um senso de imediatismo, permitindo que os adeptos experienciem uma maior proximidade com o divino, como se as mídias “não estivessem lá”. Ao mesmo tempo, esse “desaparecimento” reflete uma aceitação da mídia como incorporada à prática religiosa. Ao contrário, o “aparecimento” da mídia demonstra o questionamento quanto a (in)adequação de um meio ou quando surgem novos. Outra possibilidade surge quando a mídia torna-se “hiper aparente”. Isto ocorre quando meios - geralmente novos - são “avidamente incorporados nas práticas de mediação religiosa” e são celebrados “como uma realização tecnológica de modos religiosos já existentes” (MEYER, 2017, p. 155). Devemos ter em mente que os processos descritos acima são socialmente produzidos.

3 Uma alternativa de contato

Porto Alegre, abril de 2000. Em uma tranquila tarde de sábado, Suely estava sozinha em casa. Enquanto seu marido e seu filho pequeno aproveitavam os últimos dias de calor na piscina, ela preferiu ficar em casa para dedicar-se ao seu projeto. Beneficiando-se daquela tarde silenciosa, fechou as janelas e posicionou-se em frente aos seus dois rádios, um valvulado e um transistor, ambos sintonizando apenas ruídos. Em seguida, ligou seu gravador de fita magnética e colocou os fones de ouvido. Naquela tarde, Suely havia mudado os equipamentos de lugar diversas vezes, procurando o local de melhor recepção; agora escutava com atenção cada nuance de som através dos fones.

Foi quando seus ouvidos - ainda não totalmente treinados para a função - perceberam uma interrupção no sinal ruidoso dos rádios, seguida por uma voz que lhe disse: “ponha-se tudo em seu lugar!”

Eles estavam, pelo que eu presumi, assistindo o que eu tava fazendo, porque eu mudei várias vezes de lugar pra ver onde seria melhor e ele: "ponha-se tudo no seu lugar!". Então assim, eles queriam que eu ajeitasse o lugar pra poder acertar, né. Foi uma frase curta, mas impactante pra mim. Essa foi a primeira vez de quando eu comecei a ouvir! A partir dali o meu ouvido entendeu, e a partir daí eu consigo discernir perfeitamente, havendo o ruído, a voz paranormal quando ela acontece.⁷

A mensagem recebida por Suely era resultado de muitas tentativas frustradas, ao longo de quatro meses, de comunicar-se com espíritos através da Transcomunicação Instrumental, uma prática em que acredita-se que consciências não corpóreas são capazes de se manifestar através de aparelhos eletroeletrônicos, como rádios e gravadores. O interessante termo que designa estas comunicações é um neologismo cunhado na década de 1980 pelo físico alemão dr. Ernst Senkowski (1922–2015)⁸, que aglutinou as palavras “transcendental” e “comunicação”, enquanto “instrumental” designa o meio pelo qual a comunicação ocorre.

⁷ Entrevista concedida para a autora em 13 de março de 2017.

⁸ Autor de “Instrumentelle TransKommunikation: Dialog mit dem Unbekannten. Stimmen, Bilder, Texte” [TransComunicação Instrumental: diálogo com o desconhecido. Vozes, imagens, textos] (1989)

3.1 Como funciona a transcomunicação instrumental

Até agora sabemos que Transcomunicação Instrumental é um termo amplo que designa qualquer comunicação com entidades não corpóreas através de meios técnicos, principalmente equipamentos de telecomunicações. Antes de sabermos como ela de fato acontece, precisamos conhecer algumas ideias sobre a localização dos espíritos comunicantes. Segundo Sonia Rinaldi (1996), a resposta para essa questão encontra-se na técnica utilizada: quando utiliza-se apenas o gravador, estamos contatando entidades locais ligadas à Terra. Em geral, os transcomunicadores consideram que corre-se o risco de receber mensagem de espíritos inferiores e evitam a utilização, mas não descartam a técnica, considerando-a um “meio de entrada” para a TCI, por sua facilidade.

Outras técnicas, como as que utilizam rádio, telefone, televisão ou computador (ou o conjunto desses equipamentos), são capazes de captar sinais de entidades distantes que transmitem para nós através de estações. As estações, teoricamente, podem localizar-se em espaços concêntricos à Terra, ou em outro Espaço-Tempo. No primeiro caso, esses espaços são paralelos ao nosso, mas localizam-se em nosso tempo. É o caso das colônias espirituais, como a cidade Nosso Lar, que se situaria na terceira camada das sete que circundam a Terra⁹. A outra hipótese é que as entidades situam-se em outro Espaço-Tempo, ou seja, em um universo paralelo, onde se localizariam planetas capazes de abrigar, entre outras entidades, os desencarnados (terrestres ou não). Para explicar os universos paralelos, Sonia Rinaldi (1997, p. 73-74) usa a imagem de um agrupamento de bolhas de sabão, no qual cada bolha seria um universo ou Espaço-Tempo. Dessa forma, existiriam pontos de intersecção entre esses universos paralelos (ou seja, onde as “bolhas” se encostam), que se traduziriam em locais ou pontos que ligam esses universos. A transcomunicação entre universos paralelos usaria esses pontos de ligação.

As estações localizadas nesses espaços ou universos paralelos também utilizam-se de equipamentos tecnológicos para a comunicação com a Terra. Tais equipamentos seriam mais avançados do que os nossos, trabalhando em uma

⁹ Tal explicação faz parte de uma conceitualização espírita, mas não é a única possível.

frequência mais alta. A partir de seus equipamentos e dos pontos de intersecção, os comunicantes tentam ligar-se ao nosso plano, criando pontes, mas para concretizar essas “pontes” entre diferentes mundos, precisam de uma contrapartida do Lado de Cá.

Na TCI o aparato tecnológico e o operador constituem um conjunto capaz de receber as vibrações espirituais que se traduzem em mensagens. Nesse sentido, um rádio não opera como um simples receptor de ondas de rádio, ele opera em conjunto com o transcomunicador que canaliza seu pensamento para sintonizar entidades de nível mais alto. Por isso, é tão importante que os pesquisadores estejam com a mente tranquila para iniciar as experiências. É nesse sentido que o pesquisador americano Mark Macy afirma:

Nossos sistemas de TCI são receptores biônicos compostos pelos experimentadores humanos e seus equipamentos. As “antenas” e os “mecanismos de sintonização” do sistema estão na psique humana, e as ondas que recebemos no sistema são energia viva - pensamento - que não nos é transmitida através de grandes distâncias, mas sim se introduz em nosso equipamento quando estamos prontos para sintonizá-la¹⁰.

Dessa forma, o operador que pretende receber as mensagens do Lado de Lá precisa criar uma atmosfera de pensamentos que lhe permita alcançar a ponte e estabelecer o contato. O nome dado à “aura” tecida pelo desejo de comunicação, e muitas vezes pelo amor a algum ente querido que já se foi, é campo de contato. Em outras palavras, alcançamos a ponte através do nosso “pensamento endereçado” (RINALDI, 1996, p. 69).

Nesse processo, não é preciso que se tenha uma mediunidade ostensiva, já que qualquer pessoa poderia realizar tais experiências. De fato, a mediunidade nunca é veementemente descartada pelos transcomunicadores. Muitas vezes, ela é considerada uma catalisadora. Mas há quem discorde. Sonia Rinaldi, por exemplo, descarta a ideia de Mark Macy: para ela os intermediários são apenas os aparelhos, sendo o campo de contato uma das poucas coisas em que os comunicantes precisam de nós (1996, p. 65). O que se sabe é que a energia humana é utilizada, de alguma forma, nos experimentos, assim como a energia fornecida pelos nossos equipamentos.

¹⁰ MACY, Mark. “How ITC Works”. *Contact!* Boulder, vol. 2, p. 08-10, mai-ago, 1997. <http://www.spiritfaces.com/pdfs/z9702.pdf> Acesso em 19 de maio de 2017. Tradução nossa.

Outro aspecto importante é que os equipamentos terrestres, como o rádio, são receptores e não transmissores, mas os interlocutores do Além, de alguma forma, enxergam os pesquisadores e ouvem suas perguntas. No entanto, a separação de tempo e espaço entre vivos e mortos, na maior parte das vezes, não possibilita diálogos em tempo real.

3.2 Primeiros contatos

Porto Alegre, 28 de outubro de 2015. Numa segunda-feira à tarde, Suely me recebeu em sua casa pela primeira vez. Eu estava fazendo uma pequena atividade prática para a disciplina de Pesquisa Qualitativa e Suely gentilmente aceitou fazer parte da pesquisa. Mais do que isso, propôs que eu fosse sua aprendiz. Desse modo, eu estava lá para observar uma sessão de Transcomunicação Instrumental (TCI) do seu grupo, mas antes da chegada dos demais participantes, ela me demonstraria algumas técnicas.

Após uma longa conversa sobre a TCI, começamos a prática. Partimos para uma demonstração de como são feitas imagens através da webcam e do computador. Fazíamos o experimento de forma bem informal, enquanto ela me explicava como as coisas funcionavam. A câmera foi ligada e direcionada para sua própria imagem na tela do computador, e ela foi aproximando até criar uma distorção - que era o efeito desejado - e gravou alguns segundos dessas imagens distorcidas. Em seguida, Suely demonstrou como analisar as imagens, abrindo o vídeo em um programa de edição. Lá, ela mostrou como editar para melhorar a visualização de uma possível captação, pois o vídeo seria analisado quadro a quadro.

As imagens geradas, para mim como leiga, pareciam-se com uma espécie de névoa no fundo preto, mas os olhos treinados de Suely se detiveram em um quadro em especial, notando a formação de um rosto. Aos poucos consegui ver também: tratava-se do perfil de um rosto masculino, talvez sorrindo. Suely ficou muito animada: ela reconhecia aquele rosto!

Suely o identificou como sendo o dr. Ernst Senkowski, um importante pesquisador alemão da Transcomunicação Instrumental falecido naquele mesmo ano e com quem ela tivera contato. A imagem já passou por conhecidos do doutor e também por especialistas em TCI e até agora tem sido identificada positivamente.



Transimagem capturada por Suely. Fonte: ITC Journal n° 52

3.3 Chamado pela dor¹¹

Como muitas pessoas que procuram alguma forma de comunicação espiritual, Suely iniciou suas buscas a partir de uma tragédia pessoal. Nascida em Tupã, no estado de São Paulo, Suely residia em Porto Alegre, município em que vivia desde criança e onde constituiu sua família. No ano de 1999, Suely atuava como nutricionista, era casada e mãe de um menino de 1 e 11 meses, Leonardo. Lamentavelmente, uma dolorosa perda aconteceu no dia 06 de janeiro daquele ano: Leonardo faleceu de maneira súbita¹².

No dia 06 de janeiro de 1999, às 9h da manhã, [...], eu estava na sala falando com a minha mãe por telefone e meu filho tinha o hábito de levantar de manhã... ele gostava de ligar o som pra ouvir uma música. Eu tinha dado uma banana para ele comer, ele tava com uma banana na mão, e fui lá no som ligar a música. Eu, distraída ao telefone, mas de frente pra ele, observei que ele tava deitado no chão, achei que ele tava brincando. No momento que eu percebi que

¹¹ Conforme Márcia Beatriz Zenkye, Suely “não se fez transcomunicadora ao acaso, não foi movida também pela curiosidade, não escolheu como hobby, mas teve um chamado pela dor”. Programa A Era da Luz n° 139. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iHteVe-sJik>. Acesso em 15 de abril de 2017

¹² O termo “morte súbita” é utilizado quando o falecimento é inesperada e a causa permanece inexplicada, como no caso de Leonardo.

ele estava num estado anormal, ou seja, ele estava fazendo a passagem dele, eu larguei tudo que eu tinha na mão e fui vivenciar aquele momento de uma forma abrupta. Quando olhei pra ele, eu pude sentir esse deslocamento. Foi muito forte. E foi isso que me levou na transcomunicação, porque a partir daí eu não tive dúvida que ele tava indo pra algum lugar. Que lugar era esse? A partir do dia seis de janeiro de 1999, o Leonardo mudou a minha história de vida.¹³

Compreensivelmente abalada por presenciar o falecimento de seu filho, Suely iniciou uma busca espiritual. Apesar de não ter religião, ela sempre se interessou pelo “espiritualismo”, ou seja, acredita que há algo de intangível na vida humana. Começou a se perguntar sobre o propósito da vida e o nosso destino após a morte, perguntas tradicionalmente respondidas pelas doutrinas religiosas. Suas dúvidas, porém, não foram sanadas por nenhuma religião.

Porque ele não acabou... isso não acaba, é muito difícil acreditar que mal se começa e já tá terminando. Então, isso me levou em busca espiritualista, pesquisei, li diversos livros e é incontável assim... dentro da teosofia, do hinduísmo, do espiritismo. [...] Eu queria encontrar algo que me convencesse, que realmente existisse uma outra possibilidade de sobrevivência, nem que fosse de outra forma... como se diz, a alma, o espírito.¹⁴

Mesmo não se contentando com as respostas tradicionais e não se convencendo com narrativas religiosas, foi num centro espírita que Suely encontrou uma alternativa. Em sua busca, juntou-se a uma amiga, cujas filhas haviam falecido em um acidente de carro. Ao contrário de Suely, sua amiga havia encontrado suas respostas no espiritismo, e empenhando-se para aplacar a dor de Suely, a levou para assistir uma palestra no centro espírita Joanna de Ângelis, em Canoas. Foi nessa palestra, ministrada pelo pesquisador espírita Emídio Gonçalves dos Santos, que Suely teve seu primeiro contato com a Transcomunicação Instrumental. Na época, Emídio tinha um grupo de estudos em Canoas, onde residia, que se reunia semanalmente para pesquisar os fenômenos da Transcomunicação Instrumental.

Suely ficou fascinada pelo tema. Viu na Transcomunicação Instrumental um meio que lhe proporcionaria evidências que ela mesma poderia vivenciar, para seu convencimento de que existe algo além de nós. Após a palestra, ela debruçou-se

¹³ Entrevista concedida para Márcia Beatriz Zenkye em 16 de junho de 2013. Programa A Era da Luz n° 139. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iHteVe-sJik>. Acesso em 15 de abril de 2017.

¹⁴ Entrevista concedida para a autora em 13 de março de 2017.

sobre o tema, estudando tudo que estava à sua disposição. Leu diversos livros e revistas, assistiu reportagens e pesquisou na internet. Ainda naquele ano, Suely pediu para participar do grupo de estudos do sr. Emídio, mas o grupo já estava completo e ela não pôde participar.

Apenas em 2010, o grupo do sr. Emídio Gonçalves dos Santos se abriu para Suely, e o pesquisador a convidou para participar das pesquisas que conduzia em sua residência em Canoas. As reuniões aconteciam em seu pequeno - mas muito bem equipado - laboratório, e Suely e sua amiga Carmen participavam (muitas vezes como observadoras) a cada 15 dias. O grupo era composto por Emídio e sua esposa Margarida, e Suely e sua amiga. Suely acompanhou as pesquisas de Emídio até o seu falecimento em 2012. Desde então, ela já recebeu do Além menções ao nome de Emídio, mas nenhuma mensagem emitida por ele.

Sozinha, Suely iniciou suas pesquisas efetivamente no ano 2000. Mesmo com muito estudo, tinha dificuldade para escutar e compreender as mensagens que chegavam ao seu gravador. Por isso, procurou orientação de pesquisadores mais experientes. Os contatos com esses pesquisadores se deram principalmente pela internet, onde encontrou sites como o Portal TCI¹⁵, de Phyllis Delduque e Paulo Cabral.

Entrou em contato através do site e teve sua solicitação atendida por Phyllis Delduque, pesquisadora de Florianópolis, Santa Catarina. A pesquisadora lhe informou que não poderia lhe ajudar por estar com problemas pessoais, mas que seu companheiro de pesquisas, Paulo, iria dar continuidade nesse trabalho.

Paulo Cabral era professor de inglês em Vila Velha, Espírito Santo, com formação técnica em eletrônica e experiência como radiocomunicador. Havia começado a investigar a Transcomunicação Instrumental como cético, para desmascarar o fenômeno, porém, surpreendeu-se ao passar pelo que considerou uma expansão da sua consciência.

Pensei em usar todo o conhecimento que eu tinha para provar que as pessoas estavam totalmente enganadas com relação a esse tipo de comunicação com os espíritos. Passei uma semana gravando sem resultados, não sabia que as primeiras sessões são uma espécie de preparação para podermos ouvir. Uma semana depois tive o que para algumas pessoas pode parecer uma espécie de

¹⁵ O site infelizmente não existe mais.

alucinação pelo cansaço das pesquisas, mas que para mim que passei pelo processo posso afirmar que foi uma abertura mediúnica. Costumo dizer que foram os dias mais bonitos da minha Transcomunicação, pois passei a ouvir aquilo que me parecia impossível acontecer. Se tivesse sido alucinação eu não teria saído facilmente dela sem ajuda e continuado minhas pesquisas como venho fazendo há mais de seis anos.¹⁶

Com muita paciência, Paulo foi passando seu conhecimento para Suely, ensinando-a a escutar as vozes paranormais. Trocavam informações através da internet - principalmente por e-mail e pelo programa de conversação Tivejo - e por telefone. A convivência quase diária, mesmo que não pessoalmente, acabou tornando-os grandes amigos. O resultado dessa incansável preparação foi a abertura dos sentidos de Suely, além da melhoria de suas capacidades técnicas, tanto de captação quanto de análise, o que possibilitou que ela ouvisse a primeira voz relatada acima.

E nisso se foram anos, nós trabalhando, eu aprendi e nós trocávamos informações. Eu mandava pra ele, ele confirmava, e foi assim, e aí nós passamos a ser grandes companheiros de pesquisa. Não era mais o professor e a aluna né, que no momento que você aprende a escutar... porque esse aprender a escutar não é só com o ouvido, é você também ter aquela sensibilidade de outros sentidos que a gente tem e que favorecem o reconhecimento de uma possível voz paranormal, principalmente quando você tem experiências e vivências de coisas bem pessoais, que não tem como uma pessoa estar do outro lado e tá mandando uma informação que só eu sei. Isso aí foi me convencendo e o Paulo sempre compartilhando comigo todo esse crescimento.¹⁷

Outro fator que fortaleceu essa amizade foi a captação de uma imagem por Paulo em abril de 2002. O pesquisador identificou uma criança pequena na transfoto e logo lembrou da história de Suely e Leonardo, ainda que nunca tivesse visto fotos de Leonardo. Suely reconheceu o filho na imagem paranormal, lembrando de um sonho em que o menino lhe disse que ela o reconheceria pela testa, o que de fato aconteceu.

Em 22 de janeiro de 2007¹⁸ recebeu a notícia que seu amigo e companheiro de pesquisa, Paulo Cabral, faleceu devido a problemas cardíacos. Suely ficou tão

¹⁶ Entrevista concedida a Alexandre de Carvalho Borges, publicada em 11 jul. 2005. Disponível em <http://www.alemdaciencia.com/entrevista-com-paulo-cabral-o-que-descobrimos-e-o-nosso-telefone-interior-para-o-alem/>. Acesso em 03 mai 2017.

¹⁷ Entrevista concedida para a autora em 25 de abril de 2017.

¹⁸ Conforme <https://transcomunicainstrumental.blogspot.com.br/2008/11/homenagem-especial.html>. Acesso em 01 de maio de 2017.

desolada com a perda de seu mentor, o qual não chegou a conhecer pessoalmente, que decidiu abandonar a TCI por um tempo, uma vez que Paulo era seu grande interlocutor durante as pesquisas.

Durante os quase dois anos de interrupção, Suely começou a questionar-se sobre a possibilidade de tentar contatar seu amigo através da Transcomunicação. A partir daí, ela retornou aos estudos, acreditando que Paulo já poderia se comunicar e mais que isso, estaria se esforçando para tal.

Após o desencarne de Paulo, Suely recebeu vários contatos do seu amigo. Dois são dignos de nota¹⁹. Suely relatou que estava na sua casa de praia, quando recebeu um telefonema inusitado, no qual ela ouviu uma voz baixa dizer “Paulo”. Assustada, ela interrogou “Paulo?”, ao que recebeu a resposta de uma voz fraca dizendo “Isso”. O contato caiu em seguida. Em 2013, em ocasião do evento de inauguração da Rede TCI, foi captada outra mensagem tocante:

O que aconteceu no evento? Eu conheci outras pessoas e a gente tava na hora do *coffee break* e umas pessoas vieram conversar comigo, perguntar do Paulo Cabral, e como foi minha entrada na TCI, como você tá fazendo agora, e eu comecei a contar, falei da importância do Paulo na minha vida, como eu amava ele e tudo mais. Isso foi num sábado no evento. No domingo eu recebo essa mensagem: "eu amo Suely". Ela veio gravada "eu amo" numa parte e "Suely" em outro, em gravadores diferentes. Sem as pessoas conhecerem. Quando a gente colocou lá no telão a voz, um lá gritou lá de cima e disse que o sotaque era capixaba. Então não houve mais dúvidas.²⁰

Algumas captações atribuídas ao espírito de Paulo Cabral foram postadas no blog de Suely e acabaram sendo ouvidas pela filha de Paulo que, reconhecendo a voz de seu pai, enviou uma mensagem de agradecimento à transcomunicadora.

3.4 Recebendo notícias de Leonardo

Com a abertura de sua audição para o mundo espiritual, não tardou para que Suely pudesse ter, finalmente, notícias de seu filho. Foi a partir de 2002 que vieram as primeiras mensagens relativas a Leonardo.

¹⁹ Áudios disponíveis em <<https://www.dropbox.com/s/9xudve0b3kunx2a/Amo%20Suely.mp3?dl=0>> e <<https://transcomunicacaoinstrumental.blogspot.com.br/2012/10/pauloisso.html>>. Outras captações podem ser encontradas no blog de Suely, mencionado acima.

²⁰ Entrevista concedida para a autora em 25 de abril de 2017.

Em abril de 2002, em um cenário semelhante ao da sua primeira audição, Suely preparou-se para fazer uma tentativa de gravação em seu laboratório caseiro. Sintonzou seu rádio valvulado fora das estações, para que ele emitisse ruído branco²¹, preparou seu gravador e fez a seguinte pergunta: “Alguém tem notícias do meu filho Leonardo?”. Ela dirigiu-se aos seus comunicantes do além, por acreditar que seu filho não estivesse ainda preparado para comunicar-se a partir do outro plano. Naquela tarde, fez três tentativas de gravação, de cerca de 3 a 4 minutos, que não obtiveram respostas.

Ao rebobinar a fita após a quarta tentativa, ela teve uma surpresa ao ouvir o som de uma voz infantil. Superando suas expectativas, ela não havia recebido a resposta de seus comunicantes espirituais, mas a do próprio Leonardo, que lhe respondeu, com voz de criança, “Bem mãe, estou bem aqui.”²² Leonardo continua enviando notícias periódicas para sua mãe.

²¹ “O ruído branco é um tipo de ruído produzido ao combinar sons de todas as frequências diferentes”. Disponível em <<https://dorminhoco.com/o-que-e-ruído-branco/>>. Acesso em 10 jul, 2017.

²² Cf. RAIMUNDO (2014). O áudio pode ser acessado em <<https://www.dropbox.com/s/irq7kvo2v5ilxmy/Leonardo.wav?dl=0>>

4 Rede TCI Brasil

Desde o início de sua atividade como transcomunicadora, Suely procurou se integrar em grupos de pesquisa sobre o tema, o que nem sempre foi possível. Foi com a esperança de participar de um desses grupos que, em junho de 2000, a fez presenciar à criação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade (NIETE), vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. O objetivo é (era), “através do Ensino, Pesquisa e da Extensão, produzir conhecimentos sobre Espiritualidade, articulando-os com as demais áreas de conhecimento da Universidade” (DORNELES et al., 2004, p. 227). Além de assistir aos seminários promovidos pelo NIETE, Suely participou do Grupo Psi-Alfa-Ômega, a convite do médium espírita e professor aposentado da Faced/UFRGS Cícero Marcos Teixeira, que liderava o grupo. Um dos projetos do Grupo Psi-Alfa-Ômega era a investigação científica e coleta de dados sobre Transcomunicação Instrumental. Suely relata que apesar dos esforços do professor Cícero, não houve disponibilidade de salas para a pesquisa de TCI na universidade, o que a desmotivou e a fez abandonar o projeto por volta de 2005.²³

Somente mais tarde é que o desejo de agregar a experiência de outras pessoas sobre a Transcomunicação Instrumental será efetivado. Mas não a partir de um grupo de pesquisa experimental, e sim por meio de uma rede virtual.

Foi através de Paulo Cabral (em vida) que Suely ouviu falar de Clóvis Nunes pela primeira vez. Clóvis é um projetista técnico e palestrante espírita de Feira de Santana, Bahia, que conheceu a Transcomunicação Instrumental por volta dos anos 80, a partir do livro de Friedrich Jürgenson, publicado no Brasil pela editora Civilização Brasileira. Seu interesse se consolidou em 1989, quando participou de um congresso sobre o tema em Basileia, na Suíça. Foi nesse encontro que teve oportunidade de relacionar-se com os especialistas estrangeiros, principalmente com George Meek e com o dr. Ernst Senkowski. Clóvis Nunes relatou, em entrevista para Milena Melo²⁴, que encontrou o pesquisador norteamericano George Meek,

²³ Fizemos tentativas de entrar em contato com o NIETE, mas até o fechamento deste trabalho, não houve resposta.

²⁴ Disponível em <https://jeronimomendonca.net/2012/10/22/photo-title/>. Acesso em 16 de abril de 2017.

criador do Spiricom²⁵, e este agendou entrevistas com outros especialistas na Europa. No trecho abaixo Clóvis Nunes narra como se deu sua inserção no contexto europeu:

O Dr. George Meek marcou com ele [dr. Ernst Senkowski] na Alemanha, na quarta-feira após o congresso que acabaria no domingo. Eu estava com poucos dólares, na época com muita dificuldade financeira, e um amigo meu, do Rio de Janeiro, sabendo a quantidade de dólares que eu tinha para viajar, me deu 18 pedras de Topázio Imperial com certificado de garantia – ele tinha uma mina de extração em Minas Gerais. Quando estávamos de viagem marcada, saímos vendendo pedras. Ninguém quis as nossas pedras. [...] Nós chegamos à casa dele [dr. Senkowski] às nove da manhã e ele nos atendeu. Eu pedia o vídeo e ele não me dava. E toda vez que eu pedia a fita de vídeo, ele me dava uma fita k-7. Eu deixava bem claro que não queria a voz, que precisava das imagens. Mas ele deu um arquivo, livros, material de pesquisa e, perto da hora de ir embora, eu pedi a fita novamente. Ele me deu a quinta fita k-7. Para trocar gentileza, eu sugeri ao meu amigo que a gente oferecesse uma daquelas pedras para que ele escolhesse. Ele não cobrou pelo material, mas se interessou muito pelas pedras. Para nossa sorte, ele era colecionador de pedras preciosas. Ele foi a uma sala cheia de gavetas, todas elas repletas de jóias, e examinou a pedra que tínhamos dado. Viu que eram verdadeiras. E ele não tinha aquelas pedras. Ficou muito agradecido e saiu ligando para todos com quem nós tínhamos entrevista agendada para nos esperar nas estações. Saiu com a filha e voltou com as passagens de trem, disse também que todos os hotéis estavam pagos pelos meus anfitriões e me deu 500 dólares. E ele acabou me dando a fita de vídeo. Esses dois fatos me colocaram no circuito da transcomunicação e me fizeram começar a trabalhar para disseminar a transcomunicação no Brasil: o contato com o Dr. George Meek e o contato com o Dr. Ernest Senkowsky [sic].²⁶

Por volta de 2003, Suely entrou em contato por telefone com Clóvis Nunes, que lhe atendeu de forma solícita. Seus contatos telefônicos prosseguiram, e ambos combinaram de encontrar-se em 2011, no Rio de Janeiro, por ocasião de uma palestra que Clóvis proferiu em um centro espírita daquela cidade. A partir daí firmou-se a parceria que deu origem a Rede TCI.

Inaugurada em julho de 2013, a Rede TCI tem por objetivo congregar os transcomunicadores brasileiros, criando um ambiente em que todos pudessem

²⁵ Equipamento criado na década de 70, baseado em tons de áudio, que supostamente tornava possível a comunicação em tempo real com espíritos. O aparelho funcionou apenas com o técnico que o operava, William O'Neil, médium de efeitos físicos. O Spiricom deixou de funcionar em 1981.

²⁶Entrevista concedida para Milena Melo. Disponível em <https://jeronimomendonca.net/2012/10/22/photo-title/>. Acesso em 16 de abril de 2017.

compartilhar o seus resultados e trocar informações. Outra frente de atuação da Rede TCI é o ensino, oferecendo a capacitação dos interessados no fenômenos, através das aulas virtuais ministradas por Suely, além do recebimento de captações para análise pela Rede. Fazem parte da equipe da Rede TCI: Clóvis Nunes (idealizador e fundador), Suely Pinheiro (coordenadora nacional), Rafaela Respeita (secretária geral) e Armando Mattoso (comunicações internacionais).

A Rede começou seus trabalhos com um evento realizado na cidade do Rio de Janeiro: o I Workshop de Transcomunicação Instrumental - RJ, que aconteceu nos dias 15 e 16 de julho de 2013, no Centro Empresarial do Barra Shopping, e contou com palestras, oficinas e experimentos (um dos quais recebeu a mensagem atribuída a Paulo Cabral descrita acima). Durante esse evento também foi lançado o website da Rede TCI.

Embora a intenção da Rede TCI fosse fazer eventos regulares por todo o Brasil, a sua atuação nesse sentido tem sido bem modesta. O II Workshop de Transcomunicação Instrumental no Rio de Janeiro aconteceu apenas dois anos depois do primeiro, nos dias 29 e 30 de agosto de 2015 no centro espírita Obreiros de Jesus, e foi organizado pelo grupo Ponto de Luz, grupo que promove palestras em temas esotéricos e espiritualistas. O terceiro evento em que a Rede participou foi o 1º Workshop de Transcomunicação Instrumental de Blumenau, SC, nos dias 12 e 13 de novembro de 2016. O workshop fez parte da programação do Fórum Espírita de Blumenau, organizado pelo CEIL (Comunidade Espírita Irmã Lúcia) - Recanto do Saber, e teve a participação de toda a equipe da Rede TCI.

4.1 Aprendendo Transcomunicação Instrumental: as aulas virtuais da Rede TCI

As aulas virtuais ofertadas pela Rede TCI Brasil começaram após o lançamento do site a partir da iniciativa de Rafaela Respeita, assessora da Rede. Rafaela conhecia iniciativas semelhantes através do software Paltalk, que disponibiliza salas de conversação, nas quais já existiam grupos de estudos de outros assuntos relacionados a espiritualidade. Assim, Rafaela convidou Suely para ministrar as aulas virtuais, enquanto ela administraria a parte técnica.

O ambiente virtual das aulas consistia numa sala de bate-papo que só poderia ser acessado nos horários marcados. O aluno deveria registrar-se no Paltalk

para ter acesso à plataforma. No ambiente virtual ficava disponível um chat para os seguidores e Suely transmitia a aula pelo microfone. Aos demais usuários era pedido que não usassem microfone ou câmera, mas podiam fazer suas perguntas através do chat. As aulas duravam cerca de uma hora. O curso costumava iniciar entre março e abril e terminava em novembro ou dezembro. As aulas abarcavam dois módulos, o primeiro sobre a história da Transcomunicação e outro acerca dos aspectos técnicos.

Ensinar TCI é a maneira que Suely se dispõe para ajudar pessoas enlutadas que passam por situações como a dela. Por dois motivos: primeiro, a Transcomunicação Instrumental depende do campo de contato, sendo imprescindível a proximidade com o falecido para que ele se manifeste. Caso contrário, são raras as captações. Em segundo lugar, a Transcomunicação é um meio de auto convencimento sobre a realidade do espírito, por isso a experiência própria é indispensável.

Gabrielle: Então ajudar as pessoas através da TCI envolve ensiná-las?

Suely: Sem sombra de dúvida, porque esse negócio de "faz pra mim, por favor" é simplesmente inadmissível, é complicado.

G: É aí que entram as aulas da Rede?

S: Aí que entram as aulas, porque a gente orienta as pessoas a participarem das aulas, porque antes de ela fazer qualquer tipo de prática, ela tem que conhecer a história da transcomunicação. Então o que a gente faz? A gente incentiva as pessoas primeiro a conhecer do que se trata, conhecer aprofundadamente, baseado em fontes seguras, do que simplesmente você fazer uma especulação em cima do tema. E aí, eu já ajudei gente tentando, eu já ajudei, poucas pessoas, no início. Hoje eu já não faço mais isso, eu prefiro ensinar a pessoa, porque o canal é com ela, não vai ser comigo, então a gente incentiva a pessoa a ela mesma praticar a Transcomunicação Instrumental.

G: Então a forma de ajudar as pessoas que estão passando por alguma tragédia é...

S: É trazer ela pro grupo pra poder aprender sobre a Transcomunicação e depois ela mesma vai praticar, vai ter experiência própria, porque muitos procuram na tentativa de se convencer daquilo. Busca se convencer pra diminuir a dor. Só que tu te convence não pelo outro, tu só te convence por ti mesmo, quando tu vivencia aquela proposta. Foi o que aconteceu comigo. Quando tu vivencia aquilo tu para pra pensar, não é uma coisa que dizem pra ti, é uma coisa que você sentiu e vivenciou. Aí você não vai sentir necessidade nem de provar nada pra ninguém²⁷.

²⁷ Entrevista concedida para a autora em 25 de abril de 2017.

4.2 Módulo 1: uma breve história da comunicação espiritual por vias técnicas

O novato que pretende dedicar-se à pesquisa da transcomunicação deve primeiro estudar a literatura sobre o assunto, a qual lhe antecipará respostas para muitas perguntas. [...] Não é suficiente ler apenas livros sobre a pesquisa de vozes em fita magnética, mas também outros que tratem da vida depois da morte e dos contatos com os interlocutores do Além. Só o estudo desses livros proporcionará ao novato a compreensão adequada do fenômeno das vozes do Além. (SCHÄFER, 1997, p. 62)

Num primeiro momento as aulas de Suely são voltadas para o ensino do que é Transcomunicação Instrumental e como esta “começou”. Nessa parte, a transcomunicadora se utiliza de diversos livros que possui à sua disposição e os sintetiza. Ela aborda diversas figuras importantes da TCI para apresentar sua fala, mas aqui, por limite de espaço, selecionaremos alguns importantes para a discussão.

Seria muito difícil apontar o momento exato em que começou a comunicação espiritual através de meios tecnológico. Para isso, teríamos que voltar às origens da tecnologia e, mesmo assim, é possível que não haja uma documentação que nos auxilie nesse sentido, já que tais ocorrências talvez nem tenham sido percebidas pelas pessoas daquele tempo, sendo confundidas com interferências, problemas técnicos, entre outros. Por isso, traçar uma linha do tempo da transcomunicação torna-se uma tarefa problemática. Apesar dessas questões, a descoberta de vozes inexplicáveis gravadas em fitas magnéticas é atribuída a Friedrich Jürgenson (1903-1987).

Nascido em Odessa, na Ucrânia, o descendente de suecos de origem judaica Friedrich Jürgenson vivenciou intensas mudanças políticas no cenário europeu durante sua juventude, o que fez com que sua família migrasse, passando por diversos países, vindo a estabelecer-se na Estônia. Avesso à violência, tão presente em seu tempo, escolheu as artes como profissão, começando sua carreira como cantor e continuou como pintor quando não pôde mais cantar por motivos de saúde. Dotado de boa audição, sensibilidade artística e o conhecimento de vários idiomas (consta que falava fluentemente russo, sueco, italiano, alemão, norueguês e inglês), as circunstâncias fizeram com que Jürgenson observasse algo de estranho em suas gravações em fita magnética.

Em 1959, Jürgenson estava em seu sítio na Suécia, quando preparou seu gravador de fita magnética para gravar o canto dos pássaros. Para sua surpresa, ao ouvir a gravação, constatou que o áudio feito durante o dia continha o som de pássaros noturnos e uma voz masculina falando norueguês. Intrigado, Friedrich Jürgenson conferiu a qualidade das fitas, que eram novas, e se poderia ter captado alguma estação de rádio, porém, não conseguiu explicar o ocorrido.

O fenômeno não parou por aí, vindo a ocorrer centenas de vezes em suas gravações caseiras. Um fato curioso é que as vozes captadas falavam vários idiomas na mesma frase, provando para Jürgenson que não podiam ser meras interferências de rádio. Seu espírito crítico não permitiu que simplesmente ignorasse o fenômeno. Assim, Jürgenson dedicou a vida à investigação dessas ocorrências, vindo a utilizar, por influência das vozes, também o rádio para fazer experimentos.

Friedrich Jürgenson não tinha motivações religiosas e a hipótese de que as vozes pertenciam aos mortos foi transmitida pelos próprios comunicantes. O fenômeno foi denominado genericamente de “vozes em fitas magnéticas”. Com a publicação de seu livro “Telefone para o Além”, em 1967 (título original em alemão: *Sprechfunk Mit Verstorbenen*. Publicado no Brasil pela editora Civilização Brasileira, 1972) o fenômeno das vozes em fita magnética se espalhou pela Europa, estendendo-se para outros meios de comunicação, como o telefone, a televisão, e mais tarde, para o computador.

Na tentativa de sistematizar o fenômeno, um professor de física da cidade de Mainz, Alemanha, dr. Ernst Senkowski (1922-2015) passou a estudar, em 1977, as ocorrências das misteriosas gravações de vozes, vindo a criar a nomenclatura Transcomunicação Instrumental, conforme descrito anteriormente. Com sua competência científica, Senkowski foi um legítimo perito para Transcomunicação, responsável por investigar o trabalho realizado por diversos grupos transcomunicadores, bem como dar conselhos técnicos. Sua presença era constante onde o fenômeno se manifestava, tornando-o capaz de legitimar o fenômeno (ou não).

Um de seus últimos projetos em TCI, antes do seu falecimento, foi a negociação para tradução de seu livro para língua portuguesa. Tal projeto era intermediado por Suely Pinheiro. O doutor chegou a enviar uma cópia em alemão

pelo correio e escrever o prefácio, mas o projeto ainda não foi concretizado por falta de recursos.

Um dos grupos investigados pelo dr. Senkowski foi o Círculo de Estudos em Transcomunicação de Luxemburgo (CETL - *Cercle d'études sur la transcommunication du Luxembourg*), considerado o mais prolífico grupo de transcomunicação. O grupo começou na década de 1980 com a professora primária Maggy Harsch e seu marido, o funcionário público Jules Fischbach. Interessados pelos temas da espiritualidade, o casal Harsch-Fischbach teve seu primeiro contato com as vozes eletrônicas a partir de um programa de tevê. Maggy começou as primeiras gravações em 1985 e depois dos primeiros resultados positivos, Jules se juntou a ela. Inspirados pela repercussão dos experimentos, começaram a buscar mais informações em livros, artigos de jornal e palestras sobre o tema da vida após a morte e das vozes em fita magnética.

O casal foi aprimorando suas técnicas a partir do contato com outros pesquisadores e também através das mensagens recebidas, vindo a criar composições de aparelhos (rádios, gravadores, televisão, luzes UV etc, que eram ligados juntos durante as sessões), o que resultou numa melhoria das suas captações (LOCKER; HARSCH, 1997).

O grupo de Luxemburgo, ao que tudo indica, recebeu mensagens com alto grau de clareza, diretamente dos altos falantes do rádio, televisão e até por telefone. Também recebia imagens pela televisão e pelo computador, textos e imagens. Ainda foram relatados o recebimento de aportes, isto é, objetos físicos, como um pingente, foram alegadamente enviados de um plano espiritual para o casal Harsch-Fischbach. Seus comunicantes usuais eram Konstantin Raudive - pesquisador do fenômeno de voz falecido em 1974; o Técnico, entidade de alto grau evolutivo que orientava as comunicações; Swejen Salter, cientista falecida em um mundo paralelo, responsável pela coordenação científica do projeto de comunicação com a Terra; entre outras entidades que identificam-se como membros da estação Rio do Tempo (*Timestream* ou *Zeitstrom*), localizado no planeta Marduk. O grupo se fechou para o público no começo dos anos 2000 após alegações de que seus resultados excepcionais eram fraudes.

A título de exemplo, em 1994 o grupo de Luxemburgo captou uma suposta mensagem do escritor francês Júlio Verne via fax. A mensagem comentava a passagem do escritor para o mundo espiritual e sua estada em um palácio neste plano astral²⁸. Algumas semanas depois, a imagem do suposto palácio foi transmitida para o computador dos Harsch-Fischbach, e assim começou uma polêmica: algumas pessoas rapidamente identificaram o “palácio” como sendo bem terrestre, mais precisamente o templo jainista de Calcutá, Índia.

Não tardou para que aparecessem explicações dos transcomunicadores para o fato, como a de que existiriam no Além duplicatas dos objetos terrestres, ou, no caso de retratos dos desencarnados, as imagens reproduzem fotografias tiradas em vida para facilitar a identificação do falecido. Acreditar ou não, para os pesquisadores de TCI, é uma questão de confiar na honestidade das pessoas e em suas intenções, ou seja, deve-se ter em mente se o objetivo de certos transcomunicadores é fidedigno, ou se não buscam fama ou dinheiro. Além disso, a experiência é muito importante nas questões de confiança dessa prática: sempre há alguém para atestar a honestidade dos transcomunicadores, baseado em ter *conhecido* essa pessoa e seu trabalho, mesmo que indiretamente. Por exemplo, para Suely, os resultados do grupo de Luxemburgo são autênticos, pois foram evidenciados pelo dr. Senkowski e por Clóvis Nunes, duas figuras em quem ela confia. Quanto às fraudes, os transcomunicadores afirmam que as captações deliberadamente falsas são fáceis de se identificar, pois os transcomunicadores fidedignos, de certa forma, tornam-se experts em gravação e edição de áudio e imagem, podendo explicar quando ocorre e como são feitas as manipulações. Nas palavras de Suely: “Quando realmente é fraude se consegue perceber. Quando tu não consegue explicar a fraude, tu não pode dizer que é”²⁹. No caso de as dúvidas sobre autenticidade persistirem, o pesquisador pode ainda recorrer aos peritos forenses para o reconhecimento, através de comparação, das captações.

²⁸ Cf. <https://macyafterlife.com/2011/12/06/the-human-story-7-the-afterlife-of-jules-verne/> Acesso em 19 de maio de 2017.

²⁹ Entrevista concedida para a autora em 05 de abril de 2017.



À esquerda: palácio astral de Júlio Verne; à direita: Templo Jainista de Calcutá (1912)
 Fontes: <https://macyafterlife.com/2011/12/06/the-human-story-7-the-afterlife-of-jules-verne/> e <http://www.herenow4u.net/index.php?id=76232>. Acesso em 21 mai. 2017

4.3 Módulo 2: as técnicas de captação

Assim como é dificultoso organizar uma linha do tempo da Transcomunicação Instrumental, é arriscado propor listar aqui todas as técnicas existentes, pois a TCI dispõe de vários métodos, e a combinação deles aumenta ainda mais esse número. Neste módulo, Suely apresenta os métodos de comunicação transcendental mais populares e aqueles com que ela tem mais afinidade enquanto pesquisadora. Deve-se destacar que os transcomunicadores acreditam que a quantidade ou qualidade dos equipamentos não vale de nada se o pesquisador não tiver seriedade, persistência e uma rotina de experimentos. Esses elementos, em conjunto ao pensamento direcionado, são essenciais ao campo de contato.

Neste módulo, Suely demonstra as técnicas e conduz os experimentos ao vivo para os participantes. Após os experimentos, os resultados são compartilhados com os aprendizes e segue-se uma explanação sobre os métodos de análise.

Conforme já mencionamos, a TCI pode ser praticada apenas com um gravador, embora essa técnica seja considerada um pouco rudimentar. Outras técnicas de gravação de vozes podem envolver a produção de ruído através de rádios ou aparelhos televisores. Esses equipamentos, quando sintonizados entre estações, produzem o ruído branco que fornece energia adicional para o experimento e o som que será modulado pelos espíritos. Para o propósito de emissão de energia, são ainda utilizadas luzes infravermelho e ultravioleta.

Para as imagens, um dos métodos utilizados é o desenvolvido pelo transcomunicador alemão Klaus Schreiber - conhecido como método da realimentação - que consiste em apontar a câmera para sua própria imagem transmitida na tela da televisão. O método utilizado por Suely que resultou na captação da suposta imagem do dr. Senkowski é adaptação deste. Outra maneira de captar imagens é filmar a tevê fora de sintonia (sem sintonizar canais) e depois analisar a filmagem quadro a quadro.

A técnica mais utilizada por Suely é a do telefone. Tal método foi passado para ela pelos seus comunicantes, que transmitem através da estação Rádio Tempo³⁰. Durante suas sessões, Suely utiliza o ruído branco de dois rádios (incluindo aparelhos valvulados) e de uma televisão portátil, além de lâmpadas UV e infravermelho. Em seguida, ela faz uma ligação de um de seus aparelhos telefônicos para o outro (do fixo para o celular e vice-versa). A ligação é gravada por meio de um aplicativo de celular e pelo gravador tradicional. As sessões duram cerca de cinco minutos.

O pesquisador, durante suas sessões, primeiramente faz uma exortação para os espíritos amigos e para a estação. As gravações não podem passar de poucos minutos, pois quanto mais longas, mais demorada (e cansativa) será a análise. Não é necessário preparação - além da preparação técnica, como rituais, orações etc - antes das sessões.

4.4 Uma sessão de transcomunicação instrumental

Após todo o estudo, o pesquisador está apto para prosseguir com os experimentos. As sessões - por falta de um termo melhor - iniciam com a preparação mental dos participantes³¹. Como já foi dito, não é preciso nenhum ritual, mas é necessário certa concentração e que se direcione o pensamento para os falecidos (ou estações) que se deseja atingir. Assim, os pesquisadores estarão prontos para estabelecer a ponte entre os mundos.

³⁰ Não confundir com a estação Rio do Tempo.

³¹ O número de participantes costuma ser reduzido. Os transcomunicadores relatam que um número muito grande de pessoas - com pensamentos e sentimentos tão diversos - pode acabar atrapalhando o campo de contato e tornando difícil a conexão.

Em seguida, os equipamentos são ligados e regulados e os participantes são estimulados a prestar atenção no que *ouvem*, no que *veem* e no que *sentem*. Os equipamentos de captação, como os gravadores e câmeras, são acionados, e os pesquisadores passam a exortar a manifestação de seus interlocutores do Além. “Meus amigos, por favor, entrem em contato conosco. Vocês tão na linha? Dr. Ernst Senkowski, Paulo Cabral, George Meek, Konstantin Raudive... Vocês nos escutam?”, solicita Suely em uma das sessões em que estive presente, em 26 de outubro de 2015, para em seguida perguntar notícias de uma falecida recente.

Os ajustes nos equipamentos e as exortações continuam ao longo da sessão, respeitando as sensações e percepções do pesquisador. A sessão de gravação que devia durar de 3 a 5 minutos - devido ao cansativo trabalho de análise - acaba se estendendo para cerca de 10 minutos. É como se o tempo deixasse de ser cronológico e passasse a se guiar pelos sentidos dos presentes, que avisam quando algo está a se manifestar (ou não).

A cacofonia criada pelos ruídos, para um ouvido não treinado, começa a soar com um falatório - mesmo que não se consiga entender uma única palavra. O ouvido treinado, no entanto, consegue distinguir alguma fala que faça sentido. Nessa fase, porém, nada é certo: a análise é que revelará se há alguma coisa digna de nota.

O pesquisador se despede e agradece seus interlocutores incorpóreos e encerra a gravação. Há uma discussão breve entre os participantes sobre suas percepções e sobre ajustes que poderiam ser feitos. Em seguida, os pesquisadores podem fazer uma nova tentativa de contato.

A dinâmica acima descrita baseou-se em descrições feitas por pesquisadores encontradas em blogs e vídeos online, em explicações encontradas em livros, nas aulas virtuais da Rede TCI, e, principalmente, no que presenciei nas sessões conduzidas por Suely em seu laboratório caseiro, nas quais participavam mais três amigos da pesquisadora, além de mim. Desde 2016, os experimentos e aulas virtuais de Suely estão em hiato, pois a pesquisadora mudou-se de endereço, tendo que desmontar seu laboratório, e em seguida houve o falecimento de seu pai.

5 Considerações finais: estabelecendo pontes

Os espíritos e o mundo espiritual sempre estiveram presentes em minha vida. Fosse pelas histórias de assombração da minha vó, pelos passes em centros espíritas ou através dos conselhos das entidades da Umbanda, para mim não havia a menor dúvida quanto a *realidade* dos espíritos e da vida após a morte. Em algum momento, após entrar no curso de Ciências Sociais, comecei a questionar minha própria visão de mundo, mas percebi que meus principais questionamentos eram sobre a legitimidade das instituições religiosas que dizem deter esse conhecimento sobre o Além. Não deixei de acreditar que há algo de imaterial no ser humano e tampouco, de me interessar pelo assunto.

Logo percebi que o “sobrenatural”, quando não é tratado dentro do fenômeno religioso ou como algo secundário, é tema pouco abordado pelas ciências sociais. A medida que apresentava meu trabalho sobre a Transcomunicação Instrumental em sala de aula e até em eventos, alguns insistiam para eu procurar alguma relação com o espiritismo (mesmo que meus informantes dissessem o contrário); outros me alertavam que eu devia tratar o assunto com afastamento e para “tomar cuidado”, porque a TCI era um fenômeno falso, fruto da imaginação e que eu poderia estar me comprometendo.

Compartilho com meus informantes a crença em espíritos, mas a sua relação com a Transcomunicação Instrumental é o fenômeno que eu quero *compreender*. Ora, não há cristãos que fazem trabalhos sobre seus correligionários? O que me importa é que meus informantes *acreditam* na realidade da Transcomunicação Instrumental. Por isso, o trabalho de Edith Turner (1997) e sua insistência em prestarmos atenção na crença dos nossos informantes sobre a *realidade ontológica* dos espíritos é tão importante. Minha ideia aqui é justamente essa: dar ouvidos aquilo que os praticantes da TCI relatam sobre suas experiências, tentando não reduzi-las ou ressignificá-las.

Iniciei como qualquer outra pessoa que gostaria de aprender mais sobre a TCI, conforme Suely mesmo havia me proposto: como uma aprendiz. Por isso, antes de participar das sessões, havia me preparado através das aulas virtuais e dos livros

que fui adquirindo. Durante este trabalho exploratório, ouvi falar que a atitude negativa dos participantes (como desconfiança e medo) podia enfraquecer o campo de contato, impossibilitando a comunicação ou até mesmo ocasionando a manifestação de entidades maliciosas; então tinha receio de ir a campo com alguma preconceção, o que poderia atrapalhar meus informantes. Por isso, abracei o método proposto por Fiona Bowie (2013) e procurei realizar o trabalho de campo com a mente aberta e com um interesse verdadeiro em participar e conhecer - e principalmente, sem deixar que prenoções se sobrepusessem ao que eu encontrasse lá. Colocando em perspectiva, infelizmente, por motivos que fogem ao meu controle, não pude participar de tantas sessões quanto gostaria - pois, como foi colocado anteriormente, Suely teve que descontinuar as atividades por tempo indefinido - mas continuei acompanhando-a por meio de entrevistas, além de complementar minha visão sobre a TCI a partir de livros, reportagens e palestras disponíveis na internet, sempre contando com as orientações de Suely.

Procurei atentar para os objetos mobilizados pelos transcomunicadores, e as ideias e interpretações que eles próprios têm sobre as coisas, assumindo que os significados não são inerentes às coisas, mas socialmente construídos (HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007). Dessa forma, um rádio para os transcomunicadores não é apenas um recurso tecnológico que recebe emissões de ondas AM/FM, mas um aparelho capaz de conectá-los a seres interdimensionais através de sinais físicos e ao mesmo tempo espirituais, cujo funcionamento ainda não se compreende bem. Esforcei-me ainda em observar as consequências da TCI no mundo (BLANES; ESPÍRITO SANTO, 2014), isto é, pensar os efeitos que essas comunicações podem ter nas pessoas, modificando (ou aperfeiçoando) seus sentidos e suas crenças através de uma relação com a materialidade.

Sendo a Transcomunicação Instrumental um conjunto de práticas que conecta seres humanos e seres imateriais através de equipamentos tecnológicos, é um campo bastante propício para pensarmos a relação entre os humanos, as coisas e o transcendental. A própria nomenclatura, escolhida por Dr. Senkowski, mostra muito bem essa relação, como uma comunicação com o transcendental que se efetiva através dos instrumentos.

Segundo o proposto por Birgit Meyer (2011, p. 60), mídia aqui é entendida em um sentido ampliado como um vasto conjunto de formas materiais socialmente autorizadas que conduzem e sustentam a ligação entre seres humanos e o divino ou transcendental, o que remete à própria definição de Transcomunicação Instrumental.

O sagrado, por mais íntimo que seja, demanda alguma forma material para existir no mundo; assim, as mídias são responsáveis por manifestar a dimensão sagrada no mundo, sendo centrais para práticas de mediação, a partir das quais identidades religiosas são representadas (p. 58).

Como comentamos anteriormente, a religião pode ser entendida como uma prática de mediação, isto é, como um esse processo complexo de transmissão entre os seres humanos e o sagrado que necessita de intermediários ou meios. Esses meios não apenas transmitem o conteúdo, mas o moldam, sendo mediadores, portanto. É nesse sentido que Birgit Meyer afirma que a mídia produz crença.

No campo da Transcomunicação Instrumental há uma certa relutância em falar de religião, como podemos ver pela fala de Suely:

Eu não acho que seja um vínculo [entre TCI e religião], eu acho que a gente confunde isso, Gabrielle. A gente cresce dentro de um sistema, onde já te coloca que isso aí é religião, enquanto que isso aí é da natureza. Aliás, a religião, ela foi criada, deveria ter sido criada pra beneficiar o homem e ela amarra o homem. Como que uma religião pode te negar uma coisa que acontece contigo, sabe? Se você gera uns fatores psíquicos, paranormais... como que uma religião pode negar isso aí, entendeu? Então assim, invés dela ajudar, ela acaba atrapalhando e a gente fica amarrada. Mas assim ó, eu sou meio contra a religião, não gosto dessa palavra, acho que essa palavra ela amarra. Infelizmente ela é mal praticada, ela é mal usada. Tudo que tem na natureza, e se a gente for pensar, nada a natureza desperdiça, por que ela vai desperdiçar um intelecto, uma consciência? Ela vai gastar um horror de energia pra desperdiçar isso aí, e a natureza é sábia: ela não desperdiça energia. Então a partir daí eu passei a entender certas coisas e não necessariamente o que falam, que é vida eterna - e realmente nós somos eternos porque não se dissipa, ela vai se reaproveitar, vai se transformar, porque a gente é energia também.³²

Ao levar em consideração a visão da minha interlocutora, não podia simplesmente reduzir o fenômeno da Transcomunicação Instrumental a uma atividade religiosa, pelo menos não em um sentido tradicional. Neste trabalho,

³² Entrevista concedida para a autora em 13 de março de 2017.

porém, entendemos religião como uma relação de mediação, conforme proposto por Meyer.

Com efeito, numa perspectiva da religião como mediação, o divino não aparece como uma entidade auto revelada, mas, pelo contrário, é sempre “realizado” ou “formado” por processos de mediação, enquanto resistem sendo reduzidas a meros produtos produzidos pelo homem. Mídia e práticas de mediação, portanto, invocam o divino através de formas específicas, materiais. (MEYER, 2011, p. 127)

Conforme já comentado, a TCI pode ser vista como uma prática capaz de se moldar a vários sistemas de crença, não sendo vinculada a um sistema específico, ou seja, a interpretação do fenômeno dependerá da crença de cada praticante. Dessa forma, entendemos a Transcomunicação Instrumental como um mediador capaz de efetivar o transcendental - qualquer que seja este - a partir de processos de mediação.

Para entender como o transcendental se materializa através da mediação, Meyer utiliza-se da ideia de formas sensoriais, que são formas coletivas incorporadas que organizam a experiência e o acesso ao transcendental e condicionam as sensações dos devotos. No âmbito da Transcomunicação Instrumental, os sentidos têm uma importância fundamental: é preciso *aguçar os sentidos* para poder ver ou ouvir o paranormal, do contrário, o fenômeno pode passar despercebido, o que leva à desistência. Ao passar por uma abertura dos sentidos, o praticante poderá convencer-se (ou não) daquilo que buscava, passando por uma expansão de consciência. Os sentidos e as percepções também são invocados durante as sessões para regulação dos instrumentos e como uma espécie de medidor durante as experiências. Outra dimensão importante é a experiência: é preciso experienciar para ter a revelação. Para os transcomunicadores, é através da experiência vivida que se constrói o auto convencimento da realidade dos espíritos e da vida após a morte.

Voltando a Meyer, vemos que autora sugere a percepção da presença dos meios como marcador de sua aceitação ou rejeição, uma vez que participantes nem sempre apercebem-se das relações de mediações. Tais processos de percepção das mídias são produzidos socialmente. Os meios pouco evidentes, ou que “desaparecem” nos processos de mediação, estão bem integrados aos processos de

mediação, enquanto os que estão muito evidentes marcam uma rejeição aos meios. Há ainda meios que são incorporados às práticas com entusiasmo e reconhecidos como feitos tecnológicos capazes de fazer cumprir o projeto religioso; esses são as mídias hiper aparentes (MEYER, 2017, p. 155-156). No contexto da Transcomunicação Instrumental, de modo geral, a mídia é hiper aparente, pois a utilização dos aparelhos é o que diferencia a TCI de outras formas de comunicação espiritual, e assim, os meios não só são evidentes, como também são comemorados, principalmente como formas de democratização do acesso ao contato espiritual, antes dependente dos médiuns. Quando a mensagem é transmitida por meio da TCI, o transcomunicador está em constante contato com as tecnologias que utiliza, prestando atenção também em seus aspectos técnicos. É preciso verificar, por exemplo, se os equipamentos estão funcionando da maneira correta, se os gravadores estão fazendo o registro etc. Após a captação, é comum que o pesquisador registre o contato e anote os dados, como data, horário, processo que utilizou, além das características do aparelho que utilizou. Então, mesmo que a mensagem muitas vezes se sobreponha aos processos de mediação envolvidos, os instrumentos da Transcomunicação se tornam evidentes em algum momento.

Em resumo, a Transcomunicação Instrumental não necessariamente diz respeito às instituições religiosas. É, na verdade, um meio capaz de materializar o transcendental, podendo ser acionado por qualquer sistema de crenças. Podemos dizer que a TCI, como um mediador que concatena um conjunto de mídias, produz crença. Nesse sentido é que entendemos a TCI como *uma alternativa de contato* que prescinde de qualquer instituição religiosa. Uma alternativa principalmente para aqueles que não estão satisfeitos com as respostas fixadas pelas instituições tradicionais que detêm a legitimidade sobre os fenômenos do inexplicável. Na Transcomunicação Instrumental, é possibilitado ao participante burlar essa autoridade religiosa, pois é através dos aparelhos de telecomunicações disponíveis em sua casa que o praticante pode materializar o espiritual, interpretando-o a partir de sua crença.

Enfim, importa frisar que o presente trabalho aborda apenas uma parte do vasto fenômeno da Transcomunicação Instrumental, o qual motivou perguntas a serem abordadas em trabalhos subsequentes. A proposta deste trabalho era

limitada por tempo e extensão e não pude abordar tudo que gostaria. Considero-o, portanto, como uma introdução, posto que o assunto foi pouco (ou nunca) tratado pelas Ciências Sociais.

O tema da morte e do luto não pôde ser explorado aqui, mas me deixou algumas questões: será que a TCI ressignifica a ideia de mortalidade para seus praticantes? Afinal, a morte significa mesmo encerramento de relações? Estará a TCI fazendo uma mediação da morte? Enfim, há várias questões sobre a relação de encarnados e desencarnados que podem ser exploradas através da Transcomunicação Instrumental.

Em segundo lugar, como o leitor deve ter percebido, optei por não abordar diretamente a questão da relação entre TCI e espiritismo. Tal opção deveu-se principalmente à rejeição da minha principal interlocutora, Suely, ao assunto “religião”. Mas, à medida que a pesquisa tomava forma, fui me deparando com informações interessantes: a chegada da TCI ao Brasil - fato que precisa urgentemente ser abordado em um próximo trabalho - foi encabeçado principalmente por figuras ligadas ao espiritismo, como o dr. Hernani Guimarães Andrade e a dra. Marlene Nobre, fundadora da Associação Médico-Espírita. A realização de congressos internacionais sobre a TCI em São Paulo nos anos 1990 deveu-se principalmente a essa relação. Tal associação ao espiritismo kardecista desde a chegada da TCI no Brasil parece ter moldado a maneira como este fenômeno se coloca em nosso país, o que não ocorre em outras nações onde a TCI aparece como um fenômeno distante de narrativas religiosas.

Em suma, a Transcomunicação Instrumental é um assunto rico com potencial para que se produzam mais trabalhos acadêmicos, inclusive em outras áreas do conhecimento. Espero que este singelo trabalho seja apenas o começo.

Referências

BOWIE, Fiona. Building Bridges, Dissolving Boundaries: Toward a Methodology for the Ethnographic Study of the Afterlife, Mediumship, and Spiritual Beings. **Journal Of The American Academy Of Religion**, v. 81, n. 3, p.698-733, 2 ago. 2013. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/jaarel/ift023>.

DORNELES, Malvina do Amaral et al. Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da (Org.). **Espiritualidade e Qualidade de Vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 222-236.

ESPÍRITO SANTO, Diana; BLANES, Ruy. Introduction: On the agency of intangibles. In: ESPÍRITO SANTO, Diana; BLANES, Ruy (Ed.). **The Social Life of Spirits**. Chicago: The University Of Chicago Press, 2014. p. 1-32.

ESPÍRITO SANTO, Diana TASSI, Nico. Introduction. In: ESPÍRITO SANTO, Diana; TASSI, Nico (Ed.). **Making Spirits: Materiality and Transcendence in Contemporary Religions**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 1-30.

HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari. Introduction. In: HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari (Ed.). **Thinking Through Things: Theorising artefacts ethnographically**. New York: Routledge, 2007. p. 1-31.

HUNTER, Jack. "Between Realness and Unrealness": Anthropology, parapsychology and the ontology of non-ordinary realities. **Diskus: The journal of the British association for the study of religions**, v. 17, n. 2, p.4-20, 2015a.

HUNTER, Jack. "Spirits are the Problem": Anthropology and conceptualising spiritual beings. **Journal For The Study Of Religious Experience**, v. 1, n. 1, p.76-86, 2015b.

HUNTER, Jack. Talking With the Spirits: Anthropology and Interpreting Spirit Communicators. **Journal Of The Society For Psychical Research**, v. 753, n. 904, p.129-142, 2011

LOCKER, Theo; HARSCH, Maggy. **Transcomunicação: A comunicação com o Além por meios técnicos**. São Paulo: Pensamento, 1997. 204 p.

MEYER, Birgit. Material Mediations and Religious Practices of World-Making. In: LUNDBY, Knut (Ed.). **Religion Across Media: From Early Antiquity to Late Modernity**. New York: Peter Lang, 2003. p. 1-19.

MEYER, Birgit. Media and the senses in the making of religious experience: an introduction. **Material Religion**, v. 4, n. 2, p.124-134, jul. 2008. <http://dx.doi.org/10.2752/175183408x328262>.

MEYER, Birgit. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. **Campos - Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 16, n. 2, p.145-164, 26 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.5380/campos.v16i2.53464>.

MEYER, Birgit. Medium. **Material Religion**, v. 7, n. 1, p.58-64, mar. 2011. <http://dx.doi.org/10.2752/175183411x12968355482015>.

RAIMUNDO, Suely. Um Caso de Fenômeno de Voz Eletrônica em Laboratório Caseiro. **Revista Ciência Espírita**, Porto Alegre, vol. 2, n. 12, p. 23-25, dez. 2014. Disponível em <https://revistacienciaespirita.files.wordpress.com/2017/02/rce201412-2.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2017.

RINALDI, Sonia. **Transcomunicação Instrumental**: Contatos com o Além por vias técnicas. São Paulo: Fe, 1996. 231 p.

SCHÄFER, Hildegard. **Ponte entre o aqui e o Além**: teoria e prática da transcomunicação. São Paulo: Pensamento, 1997. 282 p.

STOLOW, Jeremy. Introduction. In: STOLOW, Jeremy (Ed.). **Deus in Machina**: Religion, Technology, and the Things in Between. New York: Fordham University Press, 2013. p. 1-22.

STOLOW, Jeremy. Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. **Religião & Sociedade**, v. 34, n. 2, p.146-160, dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-04382014000200008>.

STOLOW, Jeremy. Religion and/as Media. **Theory, Culture & Society**, [s.l.], v. 22, n. 4, p.119-145, ago. 2005. <http://dx.doi.org/10.1177/0263276405054993>.

STOLOW, Jeremy. The Spiritual Nervous System: Reflections on a Magnetic Cord Designed for Spirit Communication. In: STOLOW, Jeremy (Ed.). **Deus in Machina**: Religion, Technology, and the Things in Between. New York: Fordham University Press, 2013. p. 83-113.

TURNER, Edith. The Reality of the Spirits: a tabooed or permitted field of study?. **Anthropology Of Consciousness**, v. 4, n. 1, p.9-12, mar. 1993.